

Ministério do Turismo, Comcol e
Instituto Ricardo Brennand apresentam

20-25

SETEMBRO 2021

**INSTITUTO
RICARDO
BRENNAND
RECIFE, PE, BRASIL**



**REIMAGINAR O COLECIONISMO:
COMO COLECIONAR PODE
INSPIRAR O FUTURO**



REIMAGINAR O COLECIONISMO: COMO COLECIONAR PODE INSPIRAR O FUTURO

Conectando-se ao tema do International Museum Day (IMD) 2021 “Museus que Inspiram o Futuro”, o COMCOL, juntamente com seu anfitrião, o **Instituto Ricardo Brennand**, olharão para o futuro do colecionismo e como as coleções podem ser uma inspiração para futuros imaginados. Como podemos usar nossas coleções e nossas práticas de coleta para compreender as sociedades contemporâneas e encontrar maneiras de moldar seu futuro juntos.

O impacto da COVID-19 em nosso mundo e nos museus em 2020 foi e ainda é imenso. Todos nós tivemos que nos adaptar a uma nova situação, completamente inédita e diferente de tudo que havíamos vivenciado no passado. Navegar em múltiplos desafios, como tentar manter a nós mesmos e nossa família em segurança, ao mesmo tempo em que mantemos nossas instituições visíveis e, o mais importante, valiosas para nosso público. Ao mesmo tempo, devemos considerar questões como: Como os museus irão lidar com o choque cultural que a COVID-19 provocou? Será que eles “congelarão” ou se transformarão fundamentalmente nestes tempos de crise?

No último ano, a maioria das instituições passou por diferentes fases: de fechada a aberta, ou aberta com restrições; da abraçar o digital para atingir públicos mais amplos até a organização de atividades em pequena escala; de foco principalmente nos turistas para mudar o foco nas comunidades vizinhas e seu apoio.

Durante os primeiros meses, parecia que o conteúdo digital era essencial para manter-se conectado ao público que estava confinado em suas casas.

No entanto, tornar-se digital também criou uma grande vantagem em termos de acessibilidade: aqueles mais familiarizados com as atividades on-line estavam quase “inundados” com informações, enquanto aqueles que não eram familiarizados o suficiente ou sem acesso suficiente a recursos de todos os tipos estavam completamente fora.

Ao mesmo tempo, questões de representação e inclusão ganharam destaque por meio de movimentos sociais, como o “Vidas Negras Imporam”. Os protestos contra as desigualdades, os legados do passado que afligem nossas sociedades até hoje,

e o papel das instituições culturais no apoio à inclusão tornaram-se mais proeminentes do que nunca.

Todo este tempo, nossas instituições foram confrontadas com tantos desafios quanto perguntas: Como podemos criar uma interação online significativa que não tente apenas imitar a visita física de uma forma virtual?

Como podemos nos adaptar ao número reduzido de visitantes, ao distanciamento social dentro do museu e garantir que todos, funcionários e público, permaneçam seguros? Como mudou essa nova situação ou está mudando a experiência da cultura? Os museus podem ser lugares de solidariedade? Devemos mudar nossa ênfase do planejamento de novas exposições para a criação de novas experiências imersivas e fornecer práticas online mais interativas? Como os museus podem se tornar mais inclusivos e representar os excluídos no passado, mas também os excluídos no presente? Como os museus podem se mover para uma nova era de descolonização e representação igual para todos? Como os museus podem responder à urgência de questões como as mudanças climáticas, aumento do número de refugiados, polarização política?

Como podemos transformar o que vivenciamos em uma nova compreensão do que são os museus, como funcionam e no que se tornarão no futuro? Como podemos criar um modelo novo e mais relevante do Museu do Futuro?

Esta conferência tem como objetivo trazer todas essas questões para o primeiro plano e pedir aos participantes que reflitam sobre suas experiências recentes e planejem os próximos passos para suas instituições e os processos de coleta da atualidade.

20 / SEG

21 / TER

22 / QUA

PROGRAMA

09h00 às 10h00

Pré Conferência

Reunião de Jovens Membros -
Conferência Anual do COMCOL

09h00 às 12h00

Boas-vindas e introdução à conferência

Danielle Kuijten (HOL), Presidente do
COMCOL

Renata Motta (BRA), Presidente do
ICOM/BR

Graça Brennand (BRA), Presidente do
Instituto Ricardo Brennand

Hugo Menezes (BRA), Chefe do DAM/UFPE

CONFERENCISTA DE ABERTURA

Ailton Krenak (BRA)

10h00 às 11h00

CONFERENCISTA DO DIA

Coleções Privadas no Futuro

PALESTRANTE

Don Thompson (CAN)

[15 minutos para perguntas + 15 minutos de intervalo]

11h00 às 12h00

MOD **Nara Galvão** (BRA)

1. Por que colecionar a arte brasileira? A história por trás dos 50 anos de uma coleção privada e como torná-la acessível ao público /

Helcida and Marta Fadel (BRA)

2. Passado, presente e futuro das parcerias públicas e privadas. O Museu Mayer van den Bergh / **Ulrike Müller** (BEL)

3. Por que colecionar? Uma reflexão entre psicanálise e colecionismo privado / **Priscila Brennand** (BRA)

4. A coleção de Pieter e Marieke / **Marieke Sanders** (NLD)

[20 minutos para perguntas]

14h30 às 16h00

Programação Cultura

14h00 às 15h00

SESSÃO DE DIÁLOGO

Éticas e o Futuro das Coleções

PALESTRANTES

Luisa de Peña Díaz (DOM)

Carlos Brandão (BRA)

MOD **Leen Beyers** (BEL)

[15 minutos para perguntas + 15 minutos de intervalo]

14h00 às 15h00

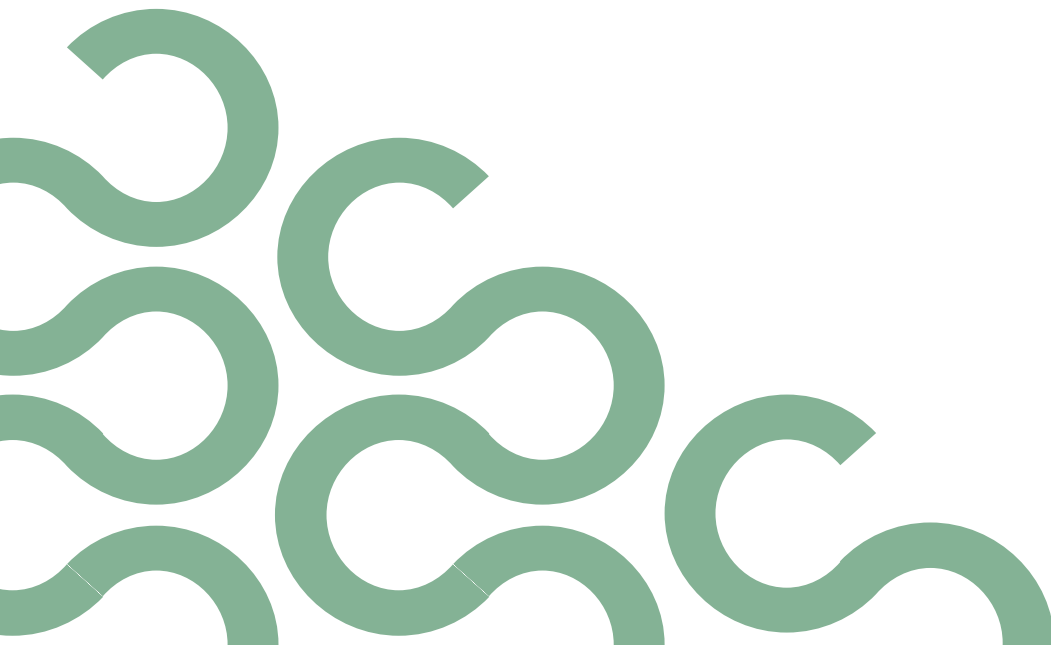
MOD **Alina Gromova** (GER)

5. Colecionando caos: as lutas e perspectivas de instituições museológicas e de pesquisas para salvaguardar as coleções arqueológicas em tempos contemporâneos / **Ana Paula Barradas** (BRA)

6. Coleção de resposta rápida no Museu Victoria e Albert: um estudo do impacto das crises nas éticas e práticas de museu /

Michelle Cook (UK/MOZ)

7. Coleções científicas / **Rosélia Adriana** (BRA)



23 / QUI

24 / SEX

25 / SÁB

09h00 às 10h00

CONFERENCISTA DO DIA

Emoções em Coletar e Coleções

PALESTRANTE

Antônio Motta (BRA)

[15 minutos para perguntas + 15 minutos de intervalo]

10h00 às 12h00

MOD **Gloriana Amador** (CRC)

8. A importância de emoções e coisas. Práxis contemporâneas em colecionar a vida cotidiana / **Els Veraverbeke** (BEL)

9. Fora da caixa: criando uma nova prática de divulgação interativa no Museu de Taiwan /

Chelsea Wang (TWN)

10. Coleções e atenção plena na experiência de museu / **Joacy Ferreira** (BRA)

11. Capturando o espírito esportivo, recuperando a herança olímpica /

Meitshr-Reymond (SUI)

12. Ativismo e envolvimento no Paço do Frevo (Recife-Brazil): a coleção entre objetos e sociedade / **Nicole Costa** (BRA)

[20 minutos para perguntas]

09h00 às 10h00

CONFERENCISTA DO DIA

Polifonia e o futuro das coleções

PALESTRANTE

Jette Sandahl (DEN)

[15 minutos para perguntas + 15 minutos de intervalo]

10h00 às 12h00

MOD **Alexandra Bounia** (GRE)

13. Consciência de gênero nas atividades de colecionar / **Cheeyun L. Kwon** (KOR)

14. Quando o museu coleta experiências: imaterialidade, coleções e novas práticas museal / **Eduardo Sarmento** (BRA)

15. Coisas com as quais pensamos / **Katie Dyer** (AUS)

16. Biografias e histinerários: decolonização e a política da arte de uma coleção heterotópica. Inspirando novos olhares /

Hugo Coelho and Ruth Gabino (BRA)

[20 minutos para perguntas]

09h00 às 10h00

COMCOL e ICOFOM juntos

Decolonização como uma prática

PALESTRANTES

Bruno Brulon (BRA)

Danielle Kuitjen (HOL)

Alex de Jesus (BRA)

MOD **Daniel Vieira** (BRA)

[15 minutos para perguntas + 15 minutos de intervalo]

10h00 às 12h00

MOD **Alex de Jesus** (BRA)

21. Existe arte em minha casa? Reflexões sobre raça, classe e valores no Brasil /

Thayane Fernandes (BRA)

22. Enfrentando histórias difíceis por meio de coleções: um estudo de caso no Museu Regional dos Aborígenes de Taiwan /

Chun-wei Fang (TPE)

23. Respeite nosso sagrado: tencionando as práticas do museu / **Pamela Pereira** (BRA)

24. (Des) construindo ruínas imateriais - uma possível prática de descolonização artística contemporânea / **Oscar**

Malta (PRT/BRA)

[20 minutos para perguntas]

14h30 às 15h30

Reunião Anual de Membros

O objetivo da reunião é informar os membros do COMCOL e os interessados sobre a conferência do próximo ano, nossos projetos, nova definição de museu do ICOM e a eleição para a nova diretoria do COMCOL

14h00 às 15h00

SESSÃO DE DIÁLOGO

Coleções e o papel das tecnologias disruptivas

PALESTRANTES

Grace Ndiritu (GBR/KEN)

Eunice Báez (CRC)

MOD **Claudia Porto** (BRA)

[15 minutos para perguntas + 15 minutos de intervalo]

15h00 às 16h30

MOD **Clara Nunes** (BRA)

17. Experiência autóctone de educação patrimonial / **Maysa Borges** (BRA)

18. Artemídiamuseu: a primeira coleção de arte digital para o Museu Nacional da República / **Ana Avelar** (BRA)

19. O museu virtual de coisas comuns: ciber musealização, curadoria colaborativa, acesso e interações / **Rafael Teixeira** (BRA)

20. Reconstrução virtual como um processo educativo em coleções e museus / **Eduardo Lira** (BRA)

14h30 às 16h

CONFERENCISTA DE ENCERRAMENTO

Emanuel Araújo (BRA)

PROGRAMA

APRESENTAÇÃO 1

Por que colecionar a arte brasileira? A história por trás dos 50 anos de uma coleção privada e como torná-la acessível ao público.**Helcida Fedel e Marta Fadel**

A Coleção Fadel começou em meados da década de 1960 com obras de arte figurativas e realistas do século 19 com temas brasileiros, consolidando-se com a aquisição de uma pintura, em grandes proporções, do pintor e professor alemão George Grimm, um professor que viveu no Brasil e passou a lecionar essa técnica na Academia Imperial de Belas Artes, primeira escola de ensino artístico do Brasil, criada em 1831. Grimm reunia seus alunos e os levava para pintar paisagens (ao ar livre) com ar puro, formando o Grupo Grimm, que consistia em um grupo de paisagistas que documentou a cidade do Rio de Janeiro e seus arredores.

Algumas obras fundamentais, precursoras do Modernismo brasileiro, foram incorporadas à coleção, como as duas pinturas destacadas, ambas de Belmiro de Almeida (Maternidade de 1908 e Figura Feminina de 1921), feitas antes mesmo da Semana de Arte Moderna de 1922, inicial marco do modernismo no Brasil. A partir daí, aos poucos, outras obras fundamentais da arte moderna no Brasil passaram a fazer parte do acervo, não só de artistas que participaram da Semana de 1922, como Di Cavalcanti, Vicente do Rego Monteiro, Anita Malfati e Victor Brecheret, bem como aqueles artistas da geração modernista após a “Semana”, incluindo Tarsila do Amaral, John Graz e Menotti Del Picchia. Assim, formou-se o núcleo central da coleção, que gradativamente se complementou com obras, entre outros, de Portinari, Pancetti, Guignard, Dacosta e Flávio de Carvalho.

Outro conjunto importante de obras é aquele formado pelos artistas do Grupo Ruptura de SP, pioneiros do movimento concreto - Waldemar Cordeiro, Luís Saccolotto, Maurício Nogueira Lima, Geraldo de Barros e Antônio Maluf - e, no Rio de Janeiro, Ivan Serpa, Aluísio Carvão, Lígia Clark e Hélio Oiticica. O grupo de artistas que se dedicam à arte construtiva juntou-se a outras obras, como Antônio Bandeira, Flávio Shiró, Iberê Camargo e a escultora Maria Martins.

Assim, este resumo tem como objetivo explicar a história da Coleção Fadel e os motivos pelos quais colecionamos arte brasileira e como nosso acervo, mesmo privado, tornou-se acessível ao público por meio da participação em inúmeras exposições. Coleção que já foi exposta com grande sucesso na mostra inaugural do MAR - Museu de Arte do Rio, no MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo, no Museu Nacional de Brasília e no Centro Cultural La Moneda, em Santiago do Chile, também pode ser visto no MUNAL - Museu Nacional do México e no MALBA, em Buenos Aires, entre outras instituições de renome no Brasil e no exterior.

Um dos principais objetivos da coleção é mostrar e divulgar a arte brasileira pelo mundo. Para nós, basta o reconhecimento pelo que fizemos, no Brasil e no exterior, pelo nosso empenho, dedicação e paixão com que nestes 50 anos se formou um acervo que preserva a memória histórica, artística e cultural do Brasil, nos inspirando a continuar colecionando, garantindo-nos, por outro lado, uma vida de intensa emoção.

APRESENTAÇÃO 2

Passado, presente e futuro das parcerias públicas e privadas. O Museu Mayer van den Bergh, Antuérpia (Bélgica)**Ulrike Müller**

Este artigo examina aspectos históricos, práticas contemporâneas e perspectivas futuras para parcerias público-privadas no mundo dos museus. No exemplo do Museu Mayer van den Bergh, discuto como essas colaborações surgiram e evoluíram ao longo do tempo e como podem contribuir para a interação significativa com coleções de arte e patrimônio no futuro.

O Museu Mayer van den Bergh foi criado em 1904 para abrigar a coleção de Fritz Mayer van den Bergh (1858-1901) que inclui obras-primas mundialmente famosas como Dulle Griet de Pieter Bruegel. Após a morte precoce do colecionador, sua mãe Henriëtte (1838-1920) mandou construir o museu ao lado de sua casa. A decisão de Henriëtte de fundar seu próprio museu em vez de dar a coleção a uma instituição existente foi parcialmente motivada pela confissão católica e convicções políticas da família, numa época em que Antuérpia era governada por um conselho municipal liberal. Ela presenteou o edifício e toda a coleção a um conselho de curadores a quem encomendou a manutenção do museu como uma instituição privada e determinou que a coleção deve permanecer inalterada, condições que ainda funcionam hoje.

Inicialmente, o museu não era acessível ao público em geral. Isso mudou com a incorporação do museu aos museus da cidade de Antuérpia na década de 1970. Desde então, o acesso regular ao museu é garantido, enquanto este permanece propriedade da direção. Atualmente, o conselho e a cidade investem em projetos como a integração da antiga casa da família no local do museu e a digitalização dos arquivos pessoais do colecionador e fundador do museu. Ao fazer isso, o Museu Mayer van den Bergh conscientemente abraça sua história particular e status como uma instituição privada dentro da paisagem do museu público de Antuérpia, perseguindo seu objetivo de se tornar mais acessível, relevante e significativo para seus visitantes hoje e no futuro.

Por que colecionar? Uma reflexão entre psicanálises e coleção privada.

Priscila Brennand

Este resumo tem como objetivo explorar os aspectos psicanalíticos que constituem um colecionador. O ponto de partida para este resumo começa com o colecionador brasileiro Ricardo Coimbra de Almeida Brennand. O que defendo é que uma combinação de características pessoais como obstinação e sua vida pessoal foram os motores que resultaram na abertura do Instituto Ricardo Brennand, em Recife -PE, Brasil, em setembro de 2002, e que suscita alguns debates a respeito da área de artes e psicanálise em geral.

Nesse sentido, há um emaranhado de considerações que cruza o colecionar com a formação do desejo. Paixão, desejo e posse são palavras-chave que definem um colecionador. No campo da psicanálise, o desejo se torna uma ferramenta analítica poderosa para compreender o "si mesmo" e o colecionar. Freud foi um dos primeiros a estudar o ato de colecionar. Walter Benjamin (1987) afirma que um autêntico colecionador é aquele em que a posse é a relação mais íntima que alguém pode ter com as coisas: não que estejam vivas dentro do colecionador; o colecionador que está vivo dentro dos objetos.

Mas, o que acontece no caso de Ricardo Brennand? Após a construção do Instituto Ricardo Brennand, que impacto uma "coleção" pode trazer para a sociedade? E, quando o colecionador não estiver mais conosco, qual será o futuro da coleção? Essas indagações suscitam algum debate porque, afinal, colecionar é uma ação humana - uma ação informada pelo indivíduo e seu ambiente social. Para entender isso, aspectos da psicanálise ajudarão a compreender o colecionador e seus desejos de coletar.

A Coleção de Pieter e Marieke

Marieke Sanders

Por mais de quarenta anos, Pieter e Marieke Sanders colecionaram avidamente o trabalho atual de artistas jovens e muitas vezes desconhecidos da Holanda e do exterior, bem como o trabalho de artistas consagrados que foram reconhecidos por suas habilidades. Seus extensos acervos incluem pinturas, desenhos, esculturas, pequenas esculturas, fotografias, instalações, trabalhos em vídeo e livros de artista.

No ano passado, Marieke Sanders e seus filhos Albertine Zoetmulder e Pieter Sanders Jr. anunciaram que queriam abrigar uma seleção da coleção de arte contemporânea, que ela colecionou junto com seu marido Pieter Sanders (1938 - 2018), em cinco museus de arte holandeses. Após o período de intensas orientações e seleções, nada menos que duzentos e vinte e cinco obras foram distribuídas entre o Centraal Museum Utrecht, Kunstmuseum Haia, Rijksmuseum Amsterdam, Stedelijk Museum Amsterdam e Teylers Museum Haarlem.

Colecionando caos: as lutas e perspectivas de instituições museológicas e de pesquisas para salvar as coleções arqueológicas em tempos contemporâneos

Ana Paula Barradas Maranhão, André Luiz Campelo dos Santos & Henry Socrates Lavalle Sullasi

Nas últimas décadas no Brasil, a arqueologia preventiva, também chamada de arqueologia contratual, tem estimulado o crescimento da pesquisa arqueológica, principalmente após a consolidação da legislação ambiental brasileira. A arqueologia preventiva tem por objetivo conjugar diversas ações de proteção, resgate e salvaguarda do patrimônio arqueológico ameaçado pelo desenvolvimento econômico. Os projetos de arqueologia preventiva correspondem atualmente a grande parte dos estudos arqueológicos realizados no Brasil, resultando em um amplo leque de coleções. Em relação ao restante do material coletado em campo, é necessário considerar as instituições museológicas e de pesquisa, que têm a obrigação de garantir a longevidade e integridade dos artefatos sob sua proteção, mas infelizmente enfrentam um cenário calamitoso no Brasil, onde é possível encontrar muitos exemplos de estoques institucionais superlotados, inadequados e com poucos recursos financeiros e profissionais. No entanto, estas instituições continuam a trabalhar incansavelmente, recebendo e armazenando materiais arqueológicos devido à falta de locais mais bem equipados, embora este ato possa levar à perda de dados (conhecimento), do seu contexto e muitas vezes do próprio artefato. Os desafios enfrentados pelos profissionais que administram essas coleções são enormes, principalmente no que diz respeito às questões que envolvem a utilização de critérios de prioridade na salvaguarda, o que muitas vezes é adotado em função dos pontos acima mencionados. Posto isto, o objetivo deste trabalho é apresentar novas contribuições e perspectivas para a utilização e extroversão de materiais arqueológicos armazenados em instituições de investigação, reunidos nas mesmas iniciativas de abordagens que visam à exposição, salvaguarda e mesmo investigação científica dos artefatos. Como estudo de caso, será apresentado um projeto a ser implantado pelo Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. Precisamente, o projeto visa superar os desafios de salvaguarda decorrentes da constante e crescente acumulação de materiais da arqueologia preventiva.

Coleção de Resposta Rápida no Museu Victoria e Albert: Um estudo do impacto das crises nas éticas e práticas de museu

Michelle Cook

O artigo apresenta um relato de como a crise impacta a museologia contemporânea por meio de um estudo de caso de Rapid Response Collecting no Victoria and Albert Museum, uma vertente de aquisição pioneira que permite a coleção imediata e a exibição de objetos de design contemporâneo.

A classificação de “Coleção de Resposta Rápida” é complexa. O uso inicial do termo dentro da museologia está intimamente ligado ao programa no V&A que era amplamente funcional: denotando a aceleração de uma prática existente seguindo uma lógica de velocidade. Enquanto isso, no discurso público, o termo está associado à gestão de desastres e serviços de emergência.

A pandemia Covid-19 foi um catalisador para a mudança, levando ao surgimento de iniciativas de resposta rápida em outros museus do Reino Unido. Essa replicação integrou simultaneamente essa prática de colecionar na museologia contemporânea e trouxe à luz as implicações éticas desse trabalho e o impacto que tem sobre o envolvimento da comunidade e as formas internas de trabalho.

Este projeto de pesquisa usa entrevistas originais com uma mistura de amostragem diversa e uma abordagem indutiva para derivar a ética profissional que impulsiona essa prática emergente e como ela se encaixa nos processos de desenvolvimento e gerenciamento de coleções de longo prazo. Vou rastrear o desenvolvimento de coleções de Resposta Rápida específicas desde a aquisição até a exibição para avaliar até que ponto a Coleção de Resposta Rápida é uma representação do ativismo individual ou institucional e identificar como um processo de colecionar acelerado influencia o envolvimento das partes interessadas. Analisarei a conectividade de objetos de “resposta rápida” dentro do catálogo, especulando sobre como sua documentação pode influenciar a visibilidade de longo prazo de certas narrativas dentro do museu e conectar a rede associativa externa de atores, artefatos e eventos.

Este artigo oferece uma hipótese de como a Coleção de Resposta Rápida, como prática e política, produz novas temporalidades museológicas, ética museológica e estratégias de desenvolvimento de coleções, e considera o que essa abordagem oferece para a construção do Museu do Futuro.

Coleções científicas

Rosélia Adriana & Cintia Maria

As coleções científicas de várias instituições do país têm sérios problemas no que concerne as boas práticas de conservação e comunicação. Muitas são as questões levantadas nos centros, departamentos e laboratórios de pesquisa sobre coleções formadas para fins didáticos, pois estas são vistas sobre óticas específicas, e nem sempre são abordadas como bens importantes para preservação e estudos sobre a cultura material.

Estas coleções também constituem acervo, entretanto não são tratadas como tal inúmeras vezes, dado o caráter prático e dinâmico que elas adquirem, por estarem inseridas em contextos de uso, mas ao completar esta missão, o acervo que as constitui demonstra o contexto histórico de práticas, atividades e formas de pesquisa de áreas de conhecimento distintas, de um determinado período.

É importante discutir como as instituições pensam e lidam com estes acervos e o seu papel histórico, pois é possível perceber que este patrimônio pode ser salvaguardado, entretanto, diversas instituições têm essa dificuldade de destinar estas coleções para centros de memórias, museus etc.

A exemplo, destaca-se a coleção de cera do Memorial de Medicina de Pernambuco, uma coleção composta com 36 itens. Moldes desenvolvidos a partir da ceroplastia, técnica muito utilizada nas atividades médicas, que reproduzem anatomicamente partes do corpo para desenvolvimento de estudos, na área da dermatologia e revela a técnica utilizada para demonstração de patologias, em uma determinada época.

Assim, se destaca em contextos universitários, onde há imensas coleções para estudo e pesquisa. É preciso pensar o futuro destas coleções didáticas, numa perspectiva mais ampla, que englobe estratégias e estudos voltados a sua relevância como testemunho de uma evolução das práticas, das formas de saber e o potencial histórico, visando ressignificar estas coleções para o presente. Como a museologia deve atuar junto a centros e instituições de pesquisa para contribuir com a preservação e divulgação destes bens?

A importância de emoções e coisas. Práxis contemporâneas em colecionar a vida cotidiana

Els Veraverbeke

A vida cotidiana da coleção contemporânea é um desafio para todos os museus e outras organizações de patrimônio sobre este tema. Não só o tema é muito extenso, o patrimônio possível é muito diverso: não se trata apenas de objetos ou coisas, mas também de patrimônio digital, cibercultura e imaterial. A coleta de cultura material está sob pressão. O armazenamento e a carga de trabalho são caros, a preservação de materiais contemporâneos, por exemplo, a grande variedade de plásticos, é complexa e requer pesquisa aprofundada. No entanto, colecionar coisas é de grande valor para o patrimônio cultural de hoje e de amanhã. Pesquisas recentes relacionadas à cultura material contemporânea desafiam as políticas de coleta das organizações de patrimônio. Qual é o impacto da diminuição da vida útil de objetos utilitários na sociedade de consumo atual e do aumento da expectativa de vida humana sobre como a cultura material é abordada e valorizada? Coletar material contemporâneo da vida cotidiana desafia o escopo da avaliação e gestão de coleções tradicionais.

Cada vez mais, tanto as organizações de patrimônio como os pesquisadores gostam de prestar atenção à importância das “emoções” em apresentações, exposições e atividades públicas. Os curadores ou gerentes de coleção permitem que as emoções desempenhem um papel na política de coleção? As emoções podem ser capturadas e transmitidas por meio de objetos? Como a biografia material se relaciona aos métodos de coleção documental ou biográfica contemporâneos, critérios de seleção e estratégias de pesquisa sobre objetos utilitários do dia-a-dia e as emoções que eles evocam em comunidades, grupos e indivíduos no passado, presente e futuro. Como pesquisadora sobre emoções e colecionismo contemporâneo e como curadora na House of Alijn, esta apresentação combina percepções teóricas e a práxis contemporânea da vida cotidiana de colecionar.

Fora da caixa: Criando uma nova prática de divulgação interativa no Museu de Taiwan

Chelsea Wang

Os museus têm encontrado muitos desafios inesperados no ambiente externo. Esses dilemas levaram as equipes dos museus a pensar em modelos de comunicação mais diversificados para continuar a atingir o público. Sob a epidemia de COVID-19, as pessoas em Taiwan têm a sorte de manter atividades gratuitas na vida diária e ter espaços abertos e seguros. No entanto, os museus de Taiwan ainda são afetados pelo ambiente geral e começam a mudar, como a organização de atividades de pequena escala ou a mudança na forma de exposições, etc.

Neste estudo, mostraremos como os museus em Taiwan usam atividades criativas e exposições de pequena escala para estender o significado das coleções e criar interações com novos públicos. Afetados pela epidemia, muitas exposições de museus em grande escala foram bloqueadas, mas o governo de Taiwan ainda anunciou que realizará normalmente Creative Expo Taiwan 2021 em abril, conforme programado. Esta exposição tem como objetivo principal fornecer às marcas das indústrias culturais e criativas de Taiwan um palco para exibição. O Museu Nacional de História (NMH), que atualmente está fechado para reformas, aproveitou a oportunidade para ingressar na mostra com um tema curatorial especial.

O NMH exibiu "Colecionando Presente" como tema curatorial corresponde ao chinês, o que implica a iniciativa e ampliação do significado da coleção na museologia contemporânea, e "presente" refere-se ao presente e ao estado do tempo. Através do contexto principal com o conceito central de "presente", eles tentaram explorar a forma de produtos criativos como um presente ou chamamos presente em uma variedade de redes de relacionamento social. Eles também pretendem mostrar as emoções e o apreço do museu pela transformação das imagens da coleção em produtos. O contexto principal desta pequena exposição é sobre histórias desde a coleção até produtos criativos. O museu aproveita o acervo que se transforma em diversos tipos de produtos presentes e entra na vida do público por meio de empreendedores culturais.

O NMH exibiu várias interpretações do presente, incluindo o importante espírito recíproco na sociedade taiwanesa, a evolução do tempo, o comportamento social dos seres humanos. Produtos criativos como presentes são entrelaçados em um círculo de troca de relações sociais. Como quase 80% do público desta Expo, ao longo dos anos, são jovens, este é um grupo de público muito carente neste museu, portanto, o NMH tem uma boa oportunidade de conhecer novos públicos. Nesse caso, o museu usa monitores de divulgação em forma de satélite e atividades interativas para conectar produtos criativos, hábitos sociais tradicionais e novos públicos. Também faz com que o museu pense em como podemos usar uma nova imaginação para trazer mais intimidade ao público quando a exibição do acervo tradicional não está disponível, e o novo estímulo que pode ser trazido pelo contato com diferentes campos.

Coleções de científicas: o dilema das instituições

Joacy Ferreira

Este artigo trata da relação entre as coleções e as práticas de mindfulness desenvolvidas em museus, tendo por objetivo descrever e caracterizar as atividades relacionadas à promoção do bem-estar físico e mental como uma das dimensões da experiência museal. As coleções, ao apresentarem um sentido de permanência, exteriorizarem memórias e sentimentos, e a ideia de mindfulness ou atenção plena estão relacionadas tanto pelas cuidadosas práticas de organização, coleta, classificação e ordenação; quanto pela experiência museal, ao provocar momentos marcantes nos visitantes. Para compreender como os museus conectam esses aspectos em suas atividades, foram pesquisados websites, mídias sociais, artigos e projetos elaborados por instituições que desenvolvem programas educativos voltados à prática de mindfulness. Como resultado, foram identificadas ações que incluem meditação, yoga, pintura e exercícios sensoriais destinados a diferentes públicos como crianças, professores, estudantes, trabalhadores, idosos e público em geral. Assim, foi possível mapear as atividades realizadas, os públicos envolvidos, os métodos e os recursos utilizados, a exemplo de lives e podcasts produzidos pela Manchester Art Gallery e de atividades coletivas de yoga, como é o caso do Brooklyn Museum. Os diferentes projetos analisados apontam para a necessidade de práticas regulares de mindfulness, por ser um processo de aprendizagem, além de apresentarem benefícios que vão desde a produção de conhecimento à melhoria na qualidade de vida, concentração, criatividade e resiliência. De acordo com os participantes, os museus atuam como espaços para busca de autoconhecimento com forte influência no seu bem-estar. Portanto, as práticas de mindfulness se mostram como ferramentas no âmbito da experiência museal aptas a desdobrar sentidos para o momento futuro, o que desafia a imaginação constante de novas abordagens para os museus; ao tempo em que as coleções ao despertarem uma dimensão de permanência estimulam uma reflexão sobre a presença e a atenção plena ao presente.

Capturando o espírito esportivo, recuperando a herança olímpica

Patricia Reymond & Yasmin Meichtry

A coleção de artefatos mantida pela Fundação Olímpica para a Cultura e o Patrimônio de Lausanne existe em grande parte graças às doações feitas pelos organizadores e participantes das Olimpíadas. A coleta de itens nos Jogos Olímpicos faz parte de uma certa continuidade, uma vez que os primeiros funcionários do Comitê Olímpico Internacional (COI) reuniram objetos e documentos de arquivo para o primeiro museu olímpico estabelecido por Pierre de Coubertin em Lausanne em 1923. Sessenta anos depois, esta atividade deu uma guinada decisiva, quando o museu enviou sua primeira delegação de funcionários para coletar itens no local durante o período dos Jogos. Hoje, a coleta é uma atividade fundamental dos responsáveis pela gestão do patrimônio cultural. Ele combina um plano de ação de 2 anos operado a partir de Lausanne e operações de coleta de resposta rápida durante o próprio evento. Centrado inicialmente em objetos, o processo de coleta é mais voltado para as pessoas e suas histórias, principalmente a partir do lançamento, em 2012, de programas de entrevistas com atletas olímpicos e designers. Como muitas instituições que recuperam materiais contemporâneos, vemos a coleta no local como uma grande oportunidade de atualizar a coleção e conectá-la às questões sociais atuais. Compartilhar essa herança é uma ótima maneira de envolver nosso público em todo o mundo, bem como os atores do Movimento Olímpico. Ao mesmo tempo, a prática levanta questões sobre a representatividade, relevância e rigor do acervo. Também questiona nossa capacidade de fazer frente ao crescimento sustentado da coleção, a cada dois anos a cada edição dos Jogos Olímpicos. A contribuição visa apresentar a mudança na coleta operada nos últimos anos, bem como os desafios e benefícios recorrentes da coleta de materiais contemporâneos no campo esportivo. Também delineará o futuro desenvolvimento da coleção com novos tipos de objetos e materiais, exigindo abordagens renovadas de documentação e preservação.

Ativismo e envolvimento no Paço do Frevo (rRecife - Brasil): a coleção entre objetos e sociedade

Nicole Costa

Musealizar o imaterial e a perspectiva de comunidade operada pelo Frevo – patrimônio imaterial do Brasil (IPHAN, 2007) e da humanidade (UNESCO, 2012) – foi um dos objetivos na criação do Paço do Frevo, em 2014. Situado em Recife, cidade do nordeste brasileiro, o Paço possui acervos que tanto questionam a própria noção de coleção – uma vez que reúne itens ligados à imaterialidade que o Frevo aciona – como, por outro lado, procuram integrar a instituição às diferentes trajetórias de pessoas e coletivos que o Frevo articula. Mais além do que um “templo”, sagrado e sacralizado – no qual as visões e discursos são únicos e emitidos por autoridades máximas, o Paço do Frevo propõe que seus objetos e narrativas utilizem o poder da memória (CHAGAS, 2003), do lúdico e do interpretativo a favor do coletivo que as comunidades articulam. As causas das questões de gênero, raciais, e outros ativismos são, neste sentido, fundamentais no Paço, por possibilitar sua sintonia com a sociedade em que está inserido. Partindo destes pressupostos, o artigo analisará, por meio de um estudo de caso, como as programações do Paço, on-line e off-line, buscam construir um espaço cultural empático (JONES, 2020) e integrado às necessidades urgentes de reflexão e ação, na construção de sociedades colaborativas e que respeitam e valorizam a diversidade. Assim, a análise percebe como as coleções do Paço refletem a trajetória histórica do Frevo e estimulam o envolvimento dos mais diversos públicos com ativismos urgentes para as sociedades atuais. A proposta pauta-se em perceber como conceitos historicamente associados a museus - como coleções e objetos - são utilizados enquanto elos entre o imaterial e as comunidades do Frevo, trazendo reflexões sobre a musealização de patrimônios imateriais e suas potencialidades enquanto catalisadora de novas visões de mundo.

Consciência de gênero nas atividades de colecionar

Cheeyun L. Kwon

A representação de gênero em coleções e exposições de museus é uma questão constante em museus de todo o mundo. Os museus históricos geralmente seguem as ações dos homens como protagonistas da construção da história, enquanto os museus de história natural comumente exibem espécimes masculinos ao explicar a evolução da espécie humana. Da mesma forma, as mulheres artistas estão sub-representadas nos museus de arte como resultado das práticas em um mundo da arte dominado por profissionais do sexo masculino. Isso, sem dúvida, infunde uma visão de mundo distorcida e desencorajadora na próxima geração jovem, intimidando as meninas de se aventurarem em empreendimentos profissionais.

A sensibilidade e a consciência de gênero nas atividades de coleta, portanto, precisam se tornar uma práxis contemporânea. Uma das maiores dificuldades encontradas pelos museus femininos em todo o mundo é a escassez de materiais documentados sobre e por mulheres, resultado das condições sociais do passado, onde a educação era prerrogativa dos homens. Junto com questões de raça, clima e imigração, a representação de gênero nas coleções pode ter um impacto relevante na sociedade de hoje e nas gerações futuras. Meu artigo apresentará a situação atual na Coreia e os esforços corretivos realizados em instituições específicas.

Quando o museu coleta experiências: Imaterialidade, coleções e novas práticas museais

Eduardo Sarmento

Este artigo procura oferecer uma discussão sobre o desafio de explorar e representar a imaterialidade das coleções no contexto dos museus. A partir da observação específica de uma instituição dedicada ao Patrimônio Cultural Imaterial, o Paço do Frevo, Recife-PE, Brasil, primeiro, visa indagar sobre como a desmaterialização do mundo afeta os acervos e, a seguir, refletir sobre o lugar que essa experiência pode ocupar-se em atualizar a noção de “objeto museológico”. Com isso, queremos abrir um diálogo sobre novos tipos de cenários museológicos, acervos e coleções, acompanhando o deslocamento do objeto ao sujeito, ou seja, do que escapa do tangível, o que acontece no momento, fruto das relações humanas. Ao final, além de propor uma atualização sobre o sistema de objetos, iluminando suas agências e fronteiras, espera-se destacar esforços contemporâneos para captar e reconhecer a definição de políticas e tomadas de decisão relacionadas ao uso e gestão dos conteúdos e coleções vivenciais, performativas e intangíveis, elaborando uma nova modalidade de compreensão, de abordagens e práticas museológicas, que nos permitem avançar a questão sobre o que o conceito de intangível vem a agregar aos museus.

Coisas com as quais pensamos

Katie Dyer

Nos últimos anos, o Powerhouse Museum empreendeu uma série de projetos liderados por artistas que privilegiam formas experimentais e orientadas por processo da prática contemporânea. A coleção do Powerhouse Museum é histórica e abundante - embora não seja enciclopédica. Este artigo desenvolve uma abordagem curatorial que é sensível ao trabalho afetivo que o público faz em exposições e apoia os praticantes contemporâneos à medida que eles se movem radicalmente para além das fronteiras disciplinares e situam a relação da arte com histórias particulares.

A amplitude da coleção de artes e ciências aplicadas no Powerhouse Museum pode falar sobre física nuclear, ciência do clima, botânica econômica e astronomia, bem como legados coloniais, tecnologias digitais, domesticidade, fé e ritual. Os projetos de pesquisa dos artistas se inspiram nos objetos da coleção, mas também criticam as práticas de coleta, que têm, por exemplo, equiparado restos humanos à flora e fauna, ou veneram tecnologias extratoras, evitando discussões sobre os impactos futuros no meio ambiente e na sociedade. Este artigo examinará como os projetos dos artistas propõem uma necessidade urgente de utilizar de forma criativa as coleções de museus para reconsiderar histórias de múltiplas esferas de conhecimento e perspectivas e apontar para possíveis futuros compartilhados.

Considerarei em detalhes os projetos criados com os artistas Brook Andrew (artista e acadêmico de Wirradjuri); Ramin Haerizadeh, Rokni Haerizadeh e Hesam Rahmani (coletivo de artistas iranianos baseado em Dubai) e Kate Scardifield (abordagens feministas para culturas colaborativas). As práticas experimentais desses artistas têm se mostrado libertadoras para os próprios objetos da coleção, os significados que eles incorporam e as relações humanas e não humanas das quais participam. Especificamente, este artigo ilustra metodologias na prática contemporânea que desafiam o enquadramento dos museus como 'burocracias de cuidado'; que descentrem o humano para abrir afinidades com corpos, materialidade e tecnologias, e que atendam à urgência de mobilizar material de coleta para inspirar pensamentos e imaginários futuros.

Biografias e itinerários: descolonização e política de arte de um acervo heterotópico. Inspirando novos olhares

Hugo Coelho & Ruth Gabino

Essa comunicação tem como objetivo apresentar às práticas polissêmicas do colecionador Ricardo Coimbra de Almeida Brennand, que ao longo de sua vida foi adquirindo em leilões, feiras de antiguidades e antiquários, obras de arte, que compõem suas heterogêneas coleções. Demonstraremos como o acervo do Instituto RB é feito por um conjunto de coleções, onde cada peça possui trajetórias permeadas por histórias e marcas de afeto que podem servir de inspirações para práticas futuras. A ideia é proporcionar um diálogo entre a biografia dos objetos e suas múltiplas coleções. Problematizamos como as histórias não ditas, apagadas por uma história oficial desperta no público interesse pelos objetos, assim como é possível transformá-las em conhecimentos através da arte educação. Walter Benjamin dirá que "a existência do colecionador é a tensão dialética entre os pólos da ordem e da desordem". Essas contradições estão presentes na expografia e podem ser ferramentas importantes para pensar o tema da descolonização e da política de arte. A contradição da expografia fica mais latente já que as obras estão musealizadas, mas que se choca com a ótica do colecionador. Buscaremos explicar como essas questões tornam o museu heterotópico e como pode inspirar novos olhares e novas práticas.

Experiência autóctone de educação patrimonial

Maysa Borges, Alex Sandro, Dirceu Marroquim, George Félix, Maria Círcia, Bruno de Sousa & Francisco Milton

Recife, capital do estado de Pernambuco, guarda em seu território múltiplas temporalidades de experiências humanas que já estão tão distantes que deixaram suas marcas, seja no imaginário das pessoas, seja em seus vestígios materiais. Andar pela cidade é mais do que uma simples atividade mundana, é também um caminho poderoso para a transformação social e a construção de laços entre pessoas e lugares. Nesse sentido, o presente trabalho pretende analisar a experiência de autóctones ao interagirem com instalações midiáticas geolocalizadas sobre o patrimônio cultural do lugar onde vivem e circulam, por meio do uso de mídias digitais e dispositivos móveis. Um estudo remoto etnográfico digital foi realizado a partir de narrativas da experiência de moradores locais que frequentam os bairros de Santo Antônio e São José (no centro do Recife) e da relação que estabelecem com suas memórias e a territorialidade apresentada na plataforma. Assim, buscamos compreender como as mídias digitais podem atuar como ferramenta de constituição e expansão para o resgate da experiência de caminhar pela cidade. Para este projeto, foi proposto um sistema de geolocalização com 60 pontos e 10 rotas com acervos de mídia (fotos, vídeos e áudios), associando lugares de memória e personagens da história da permanência dos holandeses em Pernambuco, entre 1630 e 1654. Os resultados revelam que a geolocalização desses pontos pode efetivamente estimular o desenvolvimento de experiências interativas e híbridas na forma como as pessoas usam essas mídias nos espaços urbanos. Bem como a forma como essas instalações são interpretadas como formas de proporcionar a troca narrativa e de aprendizagem para além dos espaços tradicionais, como escolas e museus, e, portanto, levar o tema da educação patrimonial para as ruas e espaços públicos em geral.

Artemídiamuseu: a primeira coleção de arte digital para o Museu Nacional da República

Ana Avelar

O Museu Nacional da República reúne acervos diversos e de relevância nacional da arte contemporânea brasileira, constituindo-se em uma instituição de referência no Centro-Oeste brasileiro. É hoje o museu mais visitado de uma região carente de museus de arte. No entanto, a pandemia COVID 19 e a subsequente adaptação digital do Museu chamaram a atenção para a necessidade de obras de arte digitais contemporâneas nas coleções. Portanto, a Academia Curatorial, grupo de pesquisa sediado na Universidade de Brasília, se propôs a constituir uma coleção de arte digital brasileira para o Museu orientada por critérios semelhantes aos que se evidenciam nas coleções existentes, como a ampla representatividade baseada no gênero dos artistas, região de origem e idade. Pensando nisso, propusemos um acervo de arte digital, que deve se expandir anualmente com novas aquisições; exposições anuais da coleção; série de ações de educação e comunicação digital sobre o acervo, com webinars, palestras e outras atividades; acessibilidade às ações educativas do acervo; e residências artísticas digitais internacionais anuais que visam promover o intercâmbio entre artistas locais e estrangeiros, ao mesmo tempo em que contribuem para a internacionalização do Museu. Neste artigo, irei abordar o projeto Artemídiamuseu indicando os referenciais teóricos que nortearam o projeto e, ao mesmo tempo, demonstrando como as colaborações entre o Museu e a academia podem beneficiar ambas as instituições em um momento de profundos cortes orçamentários e instabilidade governamental.

O museu virtual de coisas comuns: Ciber musealização, curadoria colaborativa, acesso e interações

Rafael Teixeira e Juliane Primon

O Museu Virtual de Coisas Comuns enfrenta problemas de virtualização museal que são característicos dos museus virtuais. A maioria dos museus virtuais brasileiros trabalha com curadoria colaborativa. As práticas museológicas adotadas nesses museus são substancialmente diferentes daquelas adotadas por museus tradicionais. O Museu das Coisas Comuns (MOT) foi criado em 2014 com o objetivo de preservar e compartilhar, virtualmente, as memórias de cada pessoa, por meio de seus objetos biográficos, que acompanham a vida dos sujeitos e adquirem valor sentimental. A reinvenção da musealização, a museavirtualização, é o processo pelo qual a coleção passa pela ação de musealização do doador do objeto no universo virtual. É diferente da digitalização, usada por muitos museus, em que seu acervo existente é convertido em outro formato, um formato digitalizado e, portanto, disponibilizado por meio de um site erroneamente denominado “Museu Virtual”. A museavirtualização consiste nos processos de musealização de aquisição, documentação e salvaguarda, com métodos museológicos de descodificação para a realidade virtual, e é apoiada pela exposição virtual. Como resultado desse processo, há interação e feedback do público em tempo real. A proximidade entre o acervo e o público através da visita virtual, contribui para a valorização e conservação do patrimônio, potenciando o encontro dos visitantes com o seu patrimônio local, regional, nacional e internacional, fortalecendo os processos de comunicação museológica que, em última instância, promovem apropriações e atribuição de sentidos do repertório de cada sujeito ao que lhes é apresentado, como se estivessem em uma sala expositiva.

Reconstrução virtual como um processo educativo em coleções e museus

Eduardo Lira

O objetivo do estudo é pensar a transformação digital como forma de processo educacional de coleções e museus. Atualmente o uso de Realidade Virtual (RV) de artefatos é uma prática usual em diversas coleções ao redor do mundo, que visa reconstruir objetos por meio de uma interface gráfica para visualização, documentação e interação dos usuários. Porém, como a realidade virtual pode ser uma forma de prática educativa em instituições de acervo e museus? A inclusão de diferentes grupos, como o escolar e espontâneo, e a comunidade local é uma possibilidade para isso. Assim, o processo de “virtualização” pode proporcionar “a fabricação” de um objeto e, por meio dessa interface, pensar coletivamente os aspectos técnicos do mesmo, como “Como foi feito?”, “Qual é a sua forma?”, “Seus detalhes?”, “Para que foi feito?”. Esse processo também pode inspirar diálogos para reimaginar o artefato, dando-lhe novos significados e memórias. A utilização de softwares gratuitos e de recursos abertos precisam ser considerada para que essa ação seja mais acessível, além de proporcionar treinamento básico no uso dessas ferramentas. A título de exemplo, os resultados obtidos durante o workshop “Faça seu acervo virtual!” será apresentada, uma ação educativa que vai ser realizada no Instituto Ricardo Brennand durante a 19ª Semana Nacional do Museu, cujo tema é “O futuro dos museus: recuperar e reimaginar” e o objetivo vai ensinar alguns passos de como modelar um objeto tridimensional utilizando o software gratuito Blender, que apresenta uma interface acessível e intuitiva, além de reconstruir algumas peças do acervo do Instituto Ricardo Brennand. Para tanto, buscará unir a mediação cultural dentro do processo e pensar em conjunto sobre as possíveis cadeias operativas do objeto e suas funções.

Existe arte em minha casa? Reflexões sobre raça, classe e valores no Brasil

Thayane Fernandes

Os espaços museológicos são tradicionalmente locais que guardam registros, sejam eles histórias, narrativas ou acontecimentos sobre o mundo em que vivemos. Ao longo do tempo, museus, acervos, acervos, têm sido utilizados a serviço da colonialidade, privilegiando discursos majoritariamente centralizados e ocidentalizados sobre a história da humanidade, deixando pouco espaço para populações consideradas “subalternizadas” (SPIVAK, 2010). A arte tem sido vinculada ao poder, gostos de classe e capital cultural e econômico, criando seus próprios discursos, silenciando a voz de sujeitos marginalizados e conferindo pouco ou nenhum valor à produção artística que esses sujeitos consomem e produzem.

Dito isso, esta comunicação exploratória tem como objetivo investigar a relação entre arte, raça e classe a partir de um trabalho etnográfico com dois negros residentes na cidade do Recife, Pernambuco, com o objetivo de analisar e compreender o que eles entendem por arte e sua vinculação com objetos artísticos e os mais diversos tipos de representações imagéticas presentes em seus respectivos lares. Pressupõe-se que os objetos não são entidades passivas, mas possuem uma agência e estão integrados à dinâmica da vida e do ambiente (INGOLD, 2012; GELL, 1998). Assim, buscamos investigar no fluxo do cotidiano, quais os sentidos atribuídos a essa interação humano-não-humano, quando as categorias analíticas “raça” e “classe” são incluídas na análise e vinculadas à noção de valor.

Por fim, há mais perguntas do que respostas: O que pode ser considerado arte? Que tipo de arte cabe em um museu? Existe a possibilidade de aproximar o cotidiano das pessoas dos museus? Qual é o papel do museu na construção das narrativas decoloniais? Que tipo de arte os negros consomem e / ou se sentem representados?

Enfrentando histórias difíceis por meio de coleções: Um estudo de caso no Museu Regional dos Aborígenes de Taiwan

Chun-wei Fang

Este artigo investiga questões práticas enfrentadas por um Museu Indígena regional que exhibe exposições sobre histórias difíceis por meio de coleções recém-adquiridas para suas diversas comunidades. Entre o final do século XX e o início do século XXI, os Museus Indígenas regionais proliferaram em Taiwan com o apoio do governo taiwanês. O entusiasmo para estabelecer esses museus revela uma ansiedade generalizada entre os povos indígenas de Taiwan sobre a perda de cultura, homogeneização cultural e modernização devido à colonização desde o início do século XX. Isso obrigou as Comunidades Indígenas a recorrerem aos museus para preservar e transmitir suas culturas. O Museu Cultural Bunun de Haiduan Township (BCMH) foi inaugurado oficialmente em 2002 por meio dessa tendência. Por meio da exibição de objetos intrigantes, a realização de ideias e o fomento de programas de rebitagem, o BCMH está comprometido em promover a educação e o reconhecimento do passado, presente e futuro da história e cultura Bunun. O BCMH funciona como um centro que envolve e incentiva as comunidades locais a valorizar e salvaguardar sua cultura e história. Em 2018, o BCMH recebeu uma doação de fotos históricas do povo Bunun em Taitung entre os anos 1920 e 1960. Por meio de pesquisas de literatura relacionada, análise de livros de registro de famílias japonesas, entrevistas com anciãos de vilarejos e pesquisas de locais históricos, os curadores encontraram as histórias por trás dessas fotos inestimáveis que se perderam da memória por mais de noventa anos. No entanto, essas são histórias de partes difíceis da história durante o domínio colonial, incluindo dominação cruel, batalha, migração forçada, ocupação de terras e apropriação de recursos naturais. A situação se complica à medida que as composições das comunidades locais são diversificadas e diferentes grupos tiveram experiências históricas diferentes no que diz respeito à colonização.

Respeite nosso sagrado: tencionando as práticas do museu

Pamela Pereira

Em 21 de setembro de 2020, durante a pandemia do novo vírus corona, ocorreu a transferência de coleção entre dois museus do Museu da Polícia Civil do Rio de Janeiro (MPCRJ) para o Museu da República (MR / IBRAM). O ato contou com a participação de lideranças religiosas afro-brasileiras², além de diretores de ambos os museus. A transferência resulta de um longo processo de conflito de memória e integra uma conquista de reescrever o passado no presente por meio do protagonismo político afro-brasileiro.

Ao longo do século 20 a polícia usou de extrema violência no cumprimento do código penal brasileiro de 1890 e reuniu objetos religiosos afro-brasileiros como evidências de crime, reunindo-os em um acervo. O sagrado afro-brasileiro, como tem sido denominado este acervo pelos líderes religiosos, é protegido pelo patrimônio nacional³ desde 1938. O registro foi feito com o nome de Coleção de Magia Negra⁴ que foi alegado por Liberte nosso sagrado, campanha do movimento social responsável pela transferência da coleção⁵.

Instrumentos musicais, roupas de orixás e outros objetos de culto já estão no Museu da República. A instituição está implementando estratégias de compartilhamento da gestão do acervo com as lideranças religiosas. Assim, eles poderiam ter o direito de decidir. A busca de uma forma mais simétrica neste caso é bom para pensar como os museus manejavam materiais religiosos e, principalmente, sagrados. Na questão dos objetos sagrados e neste exemplo específico a questão é: É possível conservar, documentar ou mesmo restaurar deuses? Se não, o que a instituição deve fazer? O abandono e a restituição são possibilidades? A descolonização é a chave para entender isso. Este artigo tem como objetivo analisar como as práticas de coleções e museus podem ser tensionadas pelo conceito de respeito quando materiais sagrados estão envolvidos.

(Des) construindo ruínas imateriais - Uma possível prática de descolonização artística contemporânea

Oscar Malta

Esta investigação visa refletir as possibilidades de uma prática artística descolonial em torno das Ciências das Artes e seu impacto, principalmente nos campos do audiovisual e da fotografia. A expressão descolonizar ganhou nova importância nas práticas artísticas recentes como um desafio radical ao eurocentrismo ligado à história da arte. Qual a possibilidade de uma prática artística contemporânea descolonial? Observamos, na atualidade, o retorno enfático da palavra "descolonial", de forma potente, correspondendo a um interesse multidisciplinar entre estudiosos de diferentes áreas da Ciência. O colonialismo deixou um rastro de grandes ruínas invisíveis, além de entulhos materiais. É necessário levantar, nesta pesquisa, as questões pertinentes a uma possível descolonialidade, trazendo à tona possíveis novas camadas de memórias e assim refletir sobre a (Des) construção de possíveis ruínas imateriais. Patrimônio Imaterial é uma categoria resultante da Convenção para a Salvaguarda do Imaterial Imaterial / Patrimonial, adotada pela UNESCO em 2003. Nesse sentido, procuro contribuir para a construção do conceito de ruínas imateriais e sua relação com as práticas artísticas. O Pesquisador / Artista, como etnógrafo, busca fornecer uma camada possível do real e / ou do imaginado, por meio das Ciências das Artes. Neste projeto procuro ampliar o núcleo poético / teórico da minha pesquisa / criação artística, refletindo em Museus e Coleções como espaços que ainda não foram feitos.

Danielle Kuijten (HOL)

Danielle Kuijten é mestre em museologia pela Reinwardt Academy de Amsterdã. Ela é diretora interina e co-curadora da Imagine IC, uma pioneira no campo das práticas patrimoniais contemporâneas. Projetos recentes que ela produziu aqui foram sobre temas de resistência, religião, gênero e escravidão. Na Imagine IC, ela também dirige o laboratório de co-coleção. Este laboratório pesquisa uma variedade de questões de coleta / coleta a fim de chegar a práticas patrimoniais democráticas mais igualitárias. Como freelancer, ela atua no campo do patrimônio sob o nome de Heritage Concepting. Seu foco principal em projetos aqui é em métodos contemporâneos de coleta, ética de coleta e co-curadoria. Danielle é um membro ativo do comitê internacional de coleta do COMCOL ICOM desde 2019 na função de presidente.

Renata Motta (BRA)

Doutora em Arquitetura e Urbanismo (USP) e Especialista em Gestão Pública (CLP – Centro de Liderança Pública). Foi professora da Escola da Cidade e professora convidada da pós-graduação lato sensu "Crítica e Curadoria" da PUC-SP. Atuou na área de museus da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo como Diretora Técnica do Sistema Estadual de Museus (SISEM-SP) e como Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico (UPPM). Foi Assessora Técnica da Reitoria da USP para a área de museus e coleções, atuando principalmente no projeto do restauro do Museu do Ipiranga. Atualmente é Diretora Executiva da organização social de cultura IDBrasil, atuando na gestão do Museu do Futebol e do Museu da Língua Portuguesa. É presidente do ICOM Brasil.

Graça Brennand (BRA)

A sua vida tem sido dedicada à educação e, em 2001 criou o Educandário Nossa Senhora do Rosário, localizado na cidade do Recife, atendendo inicialmente mais de 250 crianças de 6 meses a 6 anos de idade, em horário integral incluindo serviços de apoio médico, odontológico e psicológico para as crianças e seus familiares. Foi a grande incentivadora da criação do Instituto Ricardo Brennand idealizado por seu marido, o colecionador Ricardo Brennand. É a atual presidente do Instituto Ricardo Brennand.

Hugo Menezes (BRA)

Professor do Departamento de Antropologia e Museologia (DAM), e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutor em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro - PPGSA/IFCS/UFRJ. Coordenador do Observatório de Museus e Patrimônios Culturais (OBSERVAMUS-PPGA/UFPE). Dedicar-se a pesquisas ligadas aos temas dos patrimônios imateriais museus, objetos, e festas populares.

Ailton Krenak (BRA)

Ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, organizou a Aliança dos Povos da Floresta, que reúne comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia. É comendador da Ordem de Mérito Cultural da Presidência da República e doutor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais.

Don Thompson (CAN)

Don Thompson é autor de doze livros, incluindo o best-seller internacional *The \$ 12 Million Stuffed Shark: The Curious Economics of Contemporary Art*. Ele é economista e professor emérito de marketing e estratégia da Nabisco Brands na Schulich School of Business da York University em Toronto. Ele é PhD pela University of California, Berkeley, e lecionou na Harvard Business School e na London School of Economics. Ele escreveu para publicações tão diversas como *The Times* (Londres), *Harper's Art*, *Fortune* e *Apollo*. Ele mora em Toronto.

Nara Galvão (BRA)

Doutoranda e Mestre em Antropologia pela UFPE. Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Unicap. Atuou na Análise de Projetos Culturais da Fundação de Cultura Cidade do Recife. Foi bolsista Capes entre os anos de 2015 e 2017 e também do Programa de Aperfeiçoamento Profissional da Fundação Rotária na área de Museus e Artes, nos EUA. Organizou o 1º Simpósio Internacional Coleções e Colecionismo: Práticas e Narrativas na Contemporaneidade. Tem experiência na área de Gestão e Produção Cultural. Atualmente é Diretora do Instituto Ricardo Brennand, Recife - PE. Pesquisa Colecionismo, Mercado de Arte, Gênero e Política da Arte. É Conselheira do Paço do Frevo e Membro do Conselho de Administração do Icom Brasil.

Luisa de Peña Díaz (DOM)

Diretora Geral do Museu Memorial da Resistência Dominicana. Designer de Interiores, com especialização em Gestão, Economia e Financiamento da Cultura na área de museus, com especialização em História da Arte. Pós-graduação em Museologia e Mestrado em Museografia. Atualmente está em processo de apresentação de sua tese de doutorado em Museologia. Especialista em Estratégias de Financiamento de Museus, bem como na recuperação de arquivos de repressão e memória histórica; e um diploma em Pedagogia da Memória e Direitos Humanos. A sua experiência profissional teve início em 1990, na área da museologia, como Auxiliar de Museografia no Museu Naval dos Estaleiros Reais, onde foi Orientadora de Museografia até 1992.

Carlos Brandão (BRA)

Diretor-Presidente da EDUSP (Editora da USP) (a partir de setembro de 2020). Diretor do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) (2016-2020). Presidente do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) do Ministério da Cultura (MinC) (2015-2016). Presidente do programa IBERMUSEUS (até dezembro 2015). Vice-Diretor do Instituto de Estudos Avançados da USP (2014). Diretor (2001-2005), Professor titular (a partir de 1999) e curador da coleção de insetos Hymenoptera do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (até o momento). Graduação em Ciências Biológicas, Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (1977) (CRBio 0949), Mestrado (1980) e doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia) pelo IBUSP (1984). Livre-docente pela USP em 1995. Professor-orientador do programa de pós-graduação em Sistemática, Taxonomia animal e Biodiversidade do Museu de Zoologia da USP. Coordenou e coordena projetos de pesquisa, integra comitês editoriais de revistas no país e no exterior e conselhos de entidades culturais. Membro eleito do Comitê Executivo do International Council of Museums (2010-2013; 2016-2022) e Presidente do seu Comitê Brasileiro (2006-2010). Presidente do Comitê Organizador da Conferência Internacional do ICOM Rio de Janeiro e organizador do ICOM South-South Museums Dialogue, ambos em 2013.

Leen Beyers (BEL)

Leen Beyers é chefe do departamento curatorial do museu MAS em Antuérpia (Bélgica), que exhibe, pesquisa e atualiza a coleção MAS de 500.000 objetos de história, arte e cultura associados à cidade e ao porto de Antuérpia, com transporte marítimo e internacional comércio e com a Europa, Ásia, África, América e Oceania. PhD em História e mestrado em Antropologia. Sua experiência como pesquisadora e curadora relaciona-se principalmente com história urbana, cultura alimentar, migração, história oral e memória. Ela é membro do conselho do ICOM COMCOL.

Alina Gromova (GER)

Dra. Alina Gromova é pesquisadora Associada dos Programas da Academia do Museu Judaico de Berlim, atuando no Programa de Migração e Diversidade da Academia. Mestrado em Estudos Judaicos e Filosofia Inglesa e PhD pelo Instituto de Etnologia Européia da Humboldt-Humboldt-Universität zu Berlin. Sua experiência na área de museus inclui trabalhos no Museu e Centro de Pesquisa Judaico do Holocausto em Melbourne como assistente de curadoria. Seus interesses de pesquisa são Museologia Judaica, Migração e Estudos Urbanos, Vida Judaica na Alemanha e Migração em Museus. Sua tese de doutorado "Geração 'luz kosher'. Urbane Räume und Praxen junger russischsprachiger Juden em Berlim" ("Geração 'luz kosher'. Espaços urbanos e práticas de jovens judeus de língua russa em Berlim") foi publicada em 2013 e recebeu o Humboldt-Preis no campo do Judaísmo / Anti-semitismo. Desde 2020, ela é membro do conselho da ICOM Germany e membro afiliado do conselho da COMCOL.

Antônio Motta (BRA)

Antonio Motta possui mestrado em História Moderna e Contemporânea na Universidade de Paris-Sorbonne e Doutorado em Antropologia Social na École des Hautes Études em Sciences Sociales de Paris. Pós-doutorado e Visiting Scholar and Research Fellow na Universidade de Oxford e na London School of Economics and Political Sciences. É Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco e professor colaborador do Programa de Antropologia de Ibero-américa da Universidade de Salamanca/Espanha. Foi pesquisador visitante na Sorbonne, na Universidade Complutense de Madrid, na Universidade de Barcelona, na Universidade de Coruña e no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Foi membro do Conselho Gestor do Sistema Nacional de Museus (IBRAM), membro da Comissão Nacional de Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura e membro do Conselho Consultivo do Patrimônio Museológico Nacional do IBRAM, consultor na UNESCO na área de patrimônios culturais. Foi vice-presidente da Associação Brasileira de Antropologia e atualmente é membro do Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico Nacional do IPHAN e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Gloriana Amador (CRC)

Estudei Arte e Comunicação Visual com ênfase em Pintura, na Universidade Nacional da Costa Rica. Tenho me dedicado profissionalmente à gestão de coleções de arte moderna e contemporânea. Tenho respondido à convocatória de artigos do Conselho Internacional de Museus (ICOM), a apresentar em: Dresden, Alemanha (2014): "The Blossom Process: The process of transforming a storage collection in a Documentation Centre. O caso do Museu de Arte da Costa Rica"; Nova Delhi, Índia (2015) "The Poetics of Diversity: Documenting the poetry of Diversity visto de coleções de arte contemporânea da América Central e do Caribe"; e Milão, Itália (2016) "Acupuntura urbano-artística: Coletando narrativas em espaços públicos". Trabalho como vice-presidente do Conselho de Diretores do Conselho Internacional de Museus do Comitê Nacional da Costa Rica (ICOM). Também trabalho como responsável pela coleção Virginia Pérez-Ratton no TEOR / Ética. E trabalho de forma independente em meu projeto pessoal ArtCollectionsMaker ©, que é um projeto digital que cria ferramentas de mapeamento analítico por meio de um código de link de computador para reunir, socializar e visualizar dados e arquivos documentados ao longo dos anos

Jette Sandahl (DEN)

Jette Sandahl atuou como Diretora de Exposições e Programas Públicos no Museu Nacional da Dinamarca e como Diretora de Experiência no Museu Te Papa Tongarewa da Nova Zelândia. Ela foi a diretora fundadora do Museu das Culturas Mundiais da Suécia e do Museu da Mulher da Dinamarca. Mais recentemente, ela foi diretora do Museu de Copenhague. Ela ocupou vários cargos no mundo internacional dos museus e atualmente preside o European Museum Forum.

Alexandra Bounia (GRE)

Estudou Arqueologia e História da Arte na Universidade de Atenas (Grécia) e Museologia na Universidade de Leicester (Reino Unido). Os seus interesses de investigação centram-se na história, teoria e gestão de coleções e museus, ética do museu, sustentabilidade do museu, o papel dos museus no tratamento de questões difíceis e políticas. Ela foi professora de museologia na Universidade do Egeu, na Grécia, e publicou em revistas e livros gregos e internacionais. Atualmente, ela ocupa o cargo de Coordenadora de Graduação do Curso de Mestrado em Prática em Museus e Galerias na UCL, Qatar. Ela também é atualmente a Presidente do Comitê Helênico do ICOM (2016-2018). Publicou em revistas gregas e internacionais e participa em projetos de investigação na Grécia e no exterior, como o projeto FP7 EUNAMUS (Museus Nacionais Europeus: Política de Identidade, Usos do Passado e o Cidadão Europeu) (www.eunamus.eu). Ela co-editou com Susan M. Pearce o livro *Collector's Voice: Ancient Voices*, que foi publicado em 2001 pela Ashgate Press. Seu livro *Colecionadores e Coleções no Mundo Antigo: a natureza da coleção clássica* foi publicado em 2004 pela mesma editora, enquanto em 2009 seu livro *Nos Bastidores do Museu: gestão de coleções em museus contemporâneos* foi publicado em grego pela Patakis Publications. Seu livro mais recente, escrito em conjunto com Theopisti Stylianos-Lambert, e intitulado *O Museu Político: Poder, Conflito e Identidade em Chipre*, foi publicado em 2016 pela Routledge.

Grace Ndiritu (GBR/KEN)

Grace Ndiritu é uma artista britânica-queniana cujas obras estão preocupadas com a transformação de nosso mundo contemporâneo, incluindo o impacto da globalização e da justiça ambiental, por meio de seus filmes, fotografias, pinturas e projetos de prática social com refugiados, migrantes e grupos indígenas. Trabalhos incluindo *The Ark: Center for Interdisciplinary Experimentation*; Projeto econômico e de moda *COVERSLUT* ©; e a série de arte performática, *Healing The Museum*, é exibida em todo o mundo desde 2012. Ndiritu foi destaque na revista *TIME*, no *The 21st Century Art Book* de Phaidon, na *Art Monthly*, na lista "40 under 40" da revista *Apollo*, na revista *Elephant* e no *The Sunday Times Radio Show* com Mariella Frostrup. Seu trabalho está alojado em coleções de museus como o Metropolitan Museum of Art (Nova York), o British Council, o Museu de Arte Moderna (Varsóvia) e coleções particulares como a King Mohammed VI Collection em Marrocos e The Walther Collections em Nova York e Alemanha. Sua escrita experimental de arte e imagens foram publicadas em seu livro de não ficção *Dissent Without Modification* (Bergen Kunsthall) em 2021; *The Whitechapel Gallery* na série de antologias *Documents of Contemporary Art*; *The Paris Review*; *Le Journal Laboratoires d'Aubervilliers*; *Animal Shelter Journal*, *Semiotext (e)*; *The MIT Press*; *Metropolis M*; e *The Oxford University Press*.

Eunice Bâez (CRC)

Especialista em comunicação, jornalista, escritora e produtora audiovisual especializada em arte, cultura e museus. Experiência como jornalista cultural e crítica de cinema em diferentes meios de comunicação. Consultora de estratégia de marketing e comunicação para projetos culturais. Especialista em gestão de imprensa. Atualmente é produtora audiovisual e assessora de comunicação e cultura na Assembleia Legislativa da República da Costa Rica. Presidente da seção da Costa Rica do ICOM. Consultora de museus e coordenadora da Comissão de Curadoria do Museu da Identidade e Orgulho (MIO).

Cláudia Porto (BRA)

Claudia Porto é consultora de museus. Coordena o festival global *MuseumWeek* no Brasil e é professora de estratégias para mídias sociais no MBA *Gestão de Museus* da Universidade Cândido Mendes. Foi coordenadora de artes e intercâmbio do British Council, diretora da Casa da Marquesa de Santos e membro do Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Criou o primeiro site de museu do Brasil, em 1996, e organizou o primeiro edit-a-thon da Wikipedia para museus no Rio. É membro do International ICOM Committee for Collecting (COMCOL) e do Conselho Administrativo do ICOM Brasil. É servidora pública do Congresso Nacional, no Depto. de Preservação Digital.

Clara Nunes (BRA)

Graduada em Museologia pela UFPE. Atuou no desenvolvimento das atividades da Divisão de Estudos Museais e Ações Comunitárias e na Coordenação de Museologia no Museu do Homem do Nordeste (2017-2019). Exercendo atendimento aos pesquisadores, auxílio nas atividades ligadas ao desenvolvimento de exposições, documentação e conservação de acervo. Foi bolsista de iniciação científica PIBIC/UFPE/CNPq no projeto 'Estudo das coleções científicas da UFPE: conservação e descarte na segunda metade do século XX'. Atualmente é museóloga e coordenadora do Setor de Museologia, Conservação e Restauro do Instituto Ricardo Brennand.

Bruno Brulon (BRA)

Museólogo e antropólogo radicado no Brasil, professor de museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e professor do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (UNIRIO) /MASTRO). Ele coordena o Laboratório de Museologia Experimental desta universidade, trabalhando em estreita colaboração com museus comunitários e com vários projetos de base envolvendo patrimônio cultural e museus. Atualmente é presidente do Comitê Internacional de Museologia do ICOM (ICOFOM) e co-presidente do Comitê Permanente para a Definição de Museus (ICOM Define). É autor e editor de diversas publicações sobre Museologia e Patrimônio, incluindo a série de livros "Descolonizando a museologia" (ICOFOM / ICOM). Atualmente, sua pesquisa se concentra na descolonização de museus, na ação comunitária e nos usos políticos dos museus e do patrimônio cultural.

Alexandro de Jesus (BRA)

Possui graduação em Licenciatura em História pela Fundação de Ensino Superior de Olinda (1999), mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2003) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2010). É Professor Adjunto do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco e membro do Comitê de Ética em Pesquisa dessa mesma IES. Suas pesquisas problematizam, de um lado, as políticas para a cultura desenvolvidas em espaços de decolonialidade, e, de outro, as relações entre pesquisa e ética.

Daniel Vieira (BRA)

Daniel de Souza Leão Vieira é professor adjunto do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE e pesquisador membro permanente do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE. Atualmente leciona disciplinas no curso de Bacharelado em Museologia, ligadas à História da Arte, sendo também vinculado ao grupo de pesquisa Museo-Lógicas e ao projeto de extensão envolvendo o Museu Lógicas Podcast. É Licenciado (2000) e Mestre (2003) em História pela UFPE e Doutor (2010) em Humanidades pela Universidade de Leiden, Holanda. Suas áreas de interesse são Estudos Museais, Cultura Visual, História da Imagem e Imaginário Social, com foco na paisagem política do Brasil na obra de Frans Post (1612-1680) e na memória do Brasil holandês nos museus de Pernambuco.

Emanoel Araújo (BRA)

Emanoel Alves de Araújo é fundador do Museu Afro Brasil, onde exerce a função de diretor e curador. Estudou na Escola de Belas Artes da Bahia (UFBA) e se consagrou por vários trabalhos artísticos em escultura, gravura e ilustração. Foi premiado com a medalha de ouro na 3ª Bienal Gráfica de Florença (Itália) em 1972 e ganhou o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) de melhor gravador e melhor escultor. Foi diretor do Museu de Arte da Bahia (1981-1983) e da Pinacoteca do Estado de São Paulo (1992-2002), além de Secretário Municipal de Cultura de São Paulo. Lecionou artes gráficas e escultura no Arts College, na The City University of New York (1988). Além de artista, curador e gestor Emanoel é um colecionador de obras de arte.

COMISSÃO CIENTÍFICA COMCOL

Alexandra Bounia
Alina Gromova
Clara Nunes
Danielle Kuijten
Gloriana Amador
Leen Beyers
Nara Galvão
Riitta Kela
Ying Ying Lai

COMISSÃO ORGANIZADORA NO BRASIL

INSTITUTO RICARDO BRENNAND

André Aquino
Clara Nunes
Edvaldo Xavier
Hugo Coelho
Luana Lopes
Nara Galvão
Pedro Soares
Ruth Gabino

ICOM-BRASIL

Renata Motta
Bruno Brulon

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Alex de Jesus
Antonio Motta
Daniel Vieira
Hugo Menezes

IDENTIDADE VISUAL

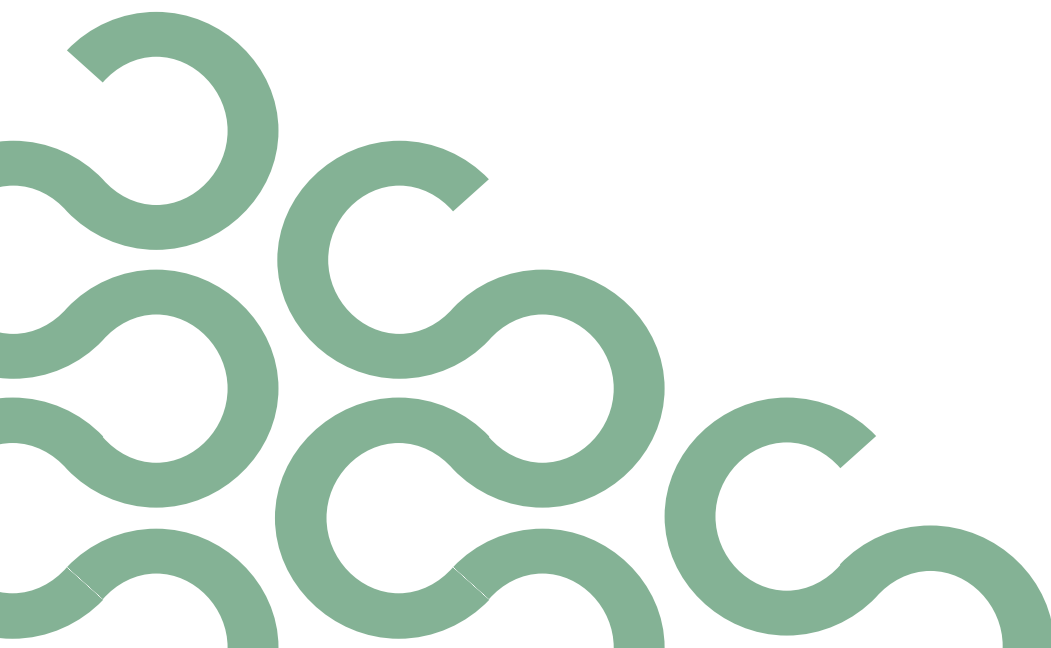
Luana Lopes
Gustavo Albuquerque

TRANSMISSÃO SIMULTÂNEA

Selet - Produtora de conteúdo
Audiovisual

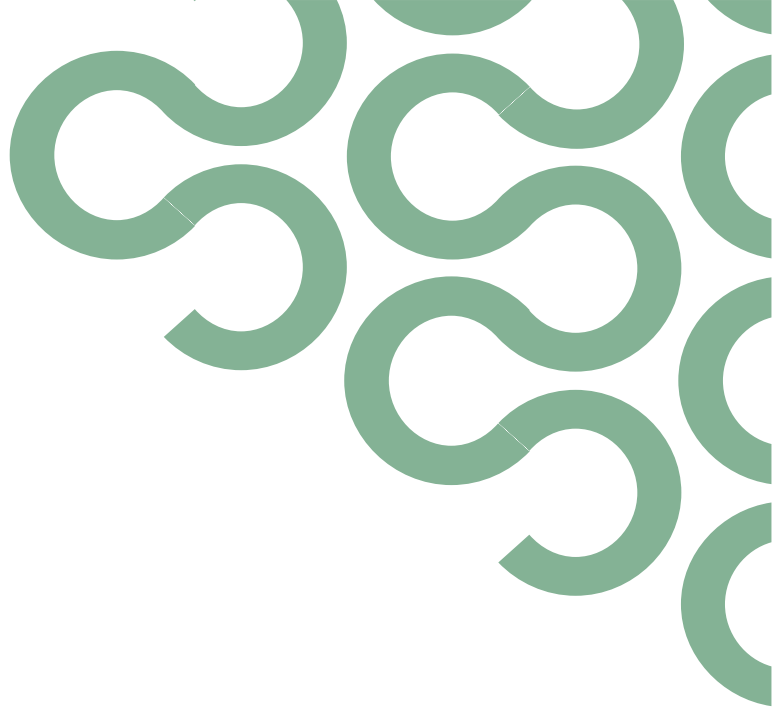
TRADUÇÃO SIMULTÂNEA

Tisel



+ INFO

comcol2021@gmail.com



Instituto Ricardo Brennand

Alameda Antônio Brennand, s/n

Várzea | CEP 50741-904 | Recife/PE | Brasil



PARTNERS



SPONSORSHIP



REALIZATION



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

